

TRANS/IDENTIDADES: LITERATURA, CINEMA E OUTRAS ARTES EM PERSPECTIVA COMPARADA

ANSELMO PERES ALÓS¹ 

AMARA MOIRA² 

ADAUTO LOCATELLI TAUFFER³ 

¹Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil.

E-mail: anselmoperesalos@gmail.com

²Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, Brasil.

E-mail: amoiramara@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.

E-mail: adautotauffer@gmail.com

EDITOR-CHEFE:

Gerson Roberto Neumann

EDITOR EXECUTIVO:

Regina Zilberman

SUBMETIDO: 31.04.2021

ACEITO: 15.06.2021

COMO CITAR:

ALÓS, Anselmo Peres;
MOIRA, Amara; TAUFFER,
Adauto Locatelli. Trans/
identidades: literatura,
cinema e outras artes em
perspectiva comparada.
*Revista Brasileira de Literatura
Comparada*, v. 23, n. 44, p. 5-8,
set.-dez., 2021. doi: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20212344aaamat>

<http://www.scielo.br/rbhc>
<https://revista.abralic.org.br>

O jovem século XXI inicia-se com uma abertura sem precedentes para a discussão de gênero, raça/etnia, classe e sexualidade, seja na academia, seja nos movimentos sociais. Veja-se, a título de exemplo, trabalhos como os de Susan Stryker (*Transgender History: the roots of today's revolution*, 2017), Sally Hines (*TransForming Gender*, 2007), Judith Halberstam (*In a Queer Time and Place: transgender bodies, subcultural lives*, 2005) e Aren Z. Aizura (*Mobile Subjects: transnational imaginaries of gender reassignment*, 2018). Nesse cenário, a emergência do ativismo, do pensamento e da autoria trans surge como um lugar epistêmico privilegiado para se pensar/problematizar tanto os regimes de representação quanto a autoria trans (termo aglutinador para as identidades travesti, transexual, transgênera, e não binária e, muitas vezes, também para a identidade intersexual). Os estudos de literatura comparada não estiveram alheios à crítica feminista, aos estudos gays e lésbicos e aos influxos da teoria *queer*, e vêm mostrando hospitalidade às discussões de como o campo da cultura tem lidado com as transformações e subversões da gramática simbólica (gramática essa que ainda hoje se mostra acumpliciada a regimes hetero- e cisnormativos no que tange aos campos de produção e de circulação de capital cultural). Como diferentes discursos artísticos têm representado as identidades trans ao longo da história? Como artistas e escritoras/es trans têm feito dos discursos artísticos e literários *loci* privilegiados para a contestação das normas de gênero e de sexualidade? Que tipo de coalizão pode emergir do encontro das discussões do pensamento trans com outros campos, como os estudos de classe, raça e etnia? Que travessias

teóricas, temáticas e conceituais emergem quando o pensamento trans encontra-se/confronta-se com os feminismos, os estudos de gênero e a teoria *queer*? Essas são algumas das perguntas norteadoras que, a título de provocação, nortearam a construção deste número temático da *Revista brasileira de literatura comparada*.

O *queer* é substantivo, verbo e adjetivo. O *queer* é radicalmente diferente das políticas identitárias que se ocultam por trás das siglas como GLS¹, LGBT², LGBTTT³ ou LGBTTTQIA+⁴. Mesmo quando se tenta subsumir o *queer* em uma sigla, o *queer* escorre, como areia pelos dedos, das tentativas de fixação e cristalização identitárias. O *queer* é *liquidez*, é fluxo, movimento, errância e metamorfose permanente. É processo sem *telos*. É avesso às políticas de representatividade, pois o que questiona é justamente a fixidez essencialista, normativa e colonial dos regimes de representação enquadrados no *frame* cis/heteronormativo. O *queer* é uma postura que vem das ruas, de muitas e diferentes ruas, em diferentes temporalidades, em diferentes geografias e latitudes. O *queer* é poliglota, e seu discurso é marcado pela heteroglossia. O *queer* fala diferentes línguas, e tem diferentes nomes. O *queer* é um gesto de posicionamento *contra*; é uma política (talvez várias, complementares e não raro em explícita condição de disputa pela significação); o *queer* é uma epistemologia (talvez, mais de uma); o *queer* é uma estratégia de ação e de resistência aos abusos heteronormativos e ao Terror de Estado heterossexual. Se o levante do Stonewall Inn, em 28 de junho de 1969, foi considerado o momento fundador da resistência *queer*, não custa refrescar nossa memória política e chamar a atenção para o fato de que foram as transexuais, as travestis e as *drag queens* que estiveram na linha de frente do embate com a polícia repressora ao longo daquela madrugada que entraria para a história. Elas literalmente desceram dos saltos para partir para a luta.

Como resposta ao conjunto de provocações que enunciamos por ocasião da proposta do presente número temático da *RBLC*, recebemos um conjunto importante de colaborações na forma de artigos. Nesse conjunto de escritos, podem ser observadas duas tendências recorrentes: na primeira delas, o que se observa é a interpretação da figuração transexual em diferentes artefatos culturais (textos literários, fílmicos e televisivos); na segunda delas, a preocupação é invocar o deslocamento das pessoas transexuais e transgêneras da condição de objeto à condição de sujeito da representação cultural, privilegiando a superposição da condição transexual à condição de autoria e produção de artefatos culturais. Esse conjunto de artigos, todos inéditos, configura a primeira parte desse número da *RBLC*.

Mário César Lugarinho e Helder Thiago Maia revisitam o romance *A Senhora de Pangim*, do autor integralista brasileiro Gustavo Barroso, publicado, no Brasil, em 1932, e, em Portugal em 1940, analisando representações gráficas da personagem histórica de Baltasar do Couto Cardoso/Maria Úrsula de Abreu e Lencastro (1682-1730), de modo a interpretar as reiterações e rupturas entre o discurso histórico e o discurso literário, com foco na discussão sobre donzelas-guerreiras e a maneira como essas representações consideraram a instabilidade de gênero da personagem. Émerson da Cruz Inácio, por sua vez, estabelece uma leitura comparativa de *Fluxo-Floema*, de Hilda Hilst, e de *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta, pensando

1 Gays, lésbicas e simpatizantes.

2 Lésbicas, gays, bissexuais e travestis.

3 Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

4 Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais e outros mais.

as homologias, analogias e amálgamas existentes entre os gêneros literários e os gêneros sexuais/identitários. Rafael Magno analisa o conto “Marieta e Ferdinando” (de Sérgio Sant’Anna), investigando a composição dos estereótipos masculino e feminino como produtos de condições sociais que determinam certas práticas, verificando como a luta constante pelo exercício da sexualidade e pela manutenção da juventude do corpo são fatores que desvelam a artificialidade de determinados padrões de gênero como algo socialmente construído.

Partindo da ideia da corporeidade transgênero como metáfora para se compreender as diversas possibilidades de transgeneridade, Emerson Silvestre explora como a personagem transgênera tem sido representada em narrativas literárias brasileiras. Para tanto, faz-se necessário comparar o modelo representacional de autores cisgêneros com a representação empreendida por autores e autoras transgêneros. Nessa empreitada, é importante encarar os textos de autoria trans a partir de uma visada transfeminista, isto é, de um escopo teórico criador por, e destinado às próprias pessoas trans. Nesse mesmo caminho segue Anselmo Peres Alós, que mapeia a tradição da representação de personagens transgêneros – especialmente protagonistas – na narrativa brasileira escrita por autores transgêneros; por outro, discute-se a emergência do fenômeno que pode ser chamado de autoria transgênero no campo da narrativa contemporânea brasileira, dando-se especial atenção aos livros escritos por João Nery (*Erro de pessoa*, de 1985, e *Viagem solitária*, de 2011) e Loris Ádreon (*Meu corpo, minha prisão*, de 1985). Também nessa esteira, pode-se mencionar o artigo de Leocádia Aparecida Chaves, que se ocupa com as autobiografias de autoria trans no Brasil, publicadas entre 1998 e 2008, as quais, na abordagem proposta, vêm à tona como enunciações rebeldes em relação ao *status* apresentado, seja pelo sucesso profissional, no caso de Ruddy Pinho (1998, 2007), seja pelo ativismo, como ocorre com a obra de Claudia Wonder (2008).

Ruan Nunes Silva busca oferecer uma compreensão do corpo como um arquivo ao analisar poemas escritos por Danez Smith, poeta e performer *queer* não binária. Visto como um campo conflitante por disputas de poder e controle, o arquivo pode ser lido de diversas formas e este trabalho se aproxima dele para teorizar o que práticas arquivistas *queer* podem sinalizar quando elementos como gênero, sexualidade e desejo são interrogadas nos poemas de Smith. Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira discute o processo de se afirmar como sujeito transgênero tendo em vista as possibilidades tecnológicas (médicas, de escrita, de comunicação) e normativas de cada período histórico e cultural; para tanto, discute o atravessamento das tecnologias na ação de dizer-a-verdade-sobre-si de sujeitos trans e a influência da normatividade de gênero nos regimes de verdade. Andrio R. J. dos Santos, por sua vez, realiza uma leitura de *The Lazarus Heart*, do autor trans Poppy Z. Brite. Em seu artigo, Santos discute como corpo, gênero e sexualidade ocupam papel central na obra de Brite, o que permite que sua obra seja lida a partir do escopo do gótico *queer*, um interstício entre os estudos do gótico e os estudos *queer*. Maria Clara da Silva Ramos Carneiro analisa a obra de Laerte Coutinho. Hoje assumidamente uma pessoa transgênero, Coutinho tem cerca de 50 anos de carreira e uma obra vasta no formato fragmentário de tiras e histórias curtas em quadrinhos.

Régis Abud Filho dedica atenção ao romance de Han Ryner, *La Fille manquée* (1903), buscando questionar a complexidade da natureza e da sexualidade humanas. Para tanto, Abud Filho recorre aos discursos científicos do século XIX e a alguns estudos de Freud, considerando a estrutura do romance, a construção da personagem e o contexto literário da época. Natália Salomé Poubel e Vinícius Carvalho

Pereira discutem a obra da escritora estadunidense Joy Ladin, mulher trans, judia, poetisa premiada e professora universitária, em cuja escrita observamos uma constante reelaboração do performar-se mulher, num *continuum* feminino. Nessa discussão, Poubel e Pereira entendem a escrita como espaço para acolher e expressar identidades que não são estáveis e nem semelhantes, demonstrando como as performances das eu líricas na poesia de Joy Ladin podem moldar variadas mulheres. Djalma Thürller debruça-se sobre o texto de teatro *And Tell Sad Stories of the Deaths of Queens*, de Tennessee Williams, e procura demonstrar a consciência do autor sobre o *camp* e intenta discutir a tradução da expressão *queen* e suas implicações no *casting* da personagem Candy na cena contemporânea.

A segunda parte do presente número da *RBLC* é composta por um artigo pela primeira vez traduzido ao português, por duas entrevistas e por três resenhas. “La mirada *queer* ante la violencia en tres casos de performance mexicano”, de autoria de professor Hector Domínguez-Huvalcaba, docente e pesquisador na University of Texas at Austin, foi originalmente publicado em espanhol na revista *El lugar sin límites*, em 2021, e aparece aqui pela primeira vez traduzido para o português. Hector Domínguez-Huvalcaba gentilmente também nos concedeu uma entrevista, na qual fala de sua trajetória acadêmica e da pesquisa produzida na interface da teoria *queer* com o latino-americanismo. A segunda entrevistada é Danieli Baldi, doutora em Ciência da Literatura pela UFRJ. Danieli Baldi, que se define, em suas próprias palavras, como “transexual, negra e comunista”, é a primeira professora trans a atuar na Escola de Comunicação e Artes da UFRJ, e fala de sua trajetória acadêmica, bem como das trans/identidades como objeto de estudo emergente na academia brasileira. Finalizando a segunda parte, seguindo a tradição de longa data da *RBLC*, são apresentadas quatro resenhas.

REFERÊNCIAS

- AIZURA, Aren Z. *Mobile Subjects: transnational imaginaries of gender reassignment*. London: Duke University Press, 2018.
- HALBERSTAM, Judith. *In a Queer Time and Place: transgender bodies, subcultural lives*, New York: New York University Press, 2005.
- HINES, Sally. *TransForming Gender: transgender practices of identity, intimacy and care*. Bristol: The Policy Press, 2007.
- STRYKER, Susan. *Transgender History: the roots of today's revolution*. 2nd. ed. New York: Seal Press, 2017.